



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Cristiane Apolinário Penetra

Contação de histórias: o *era uma vez* a favor da educação.

**Rio de Janeiro
2011**

Cristiane Apolinário Penetra

Contação de histórias: o *era uma vez* a favor da educação.

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia, Escola de Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga, orientada pela Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno

**RIO DE JANEIRO
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO - EE
CURSO DE PEDAGOGIA**

Contação de histórias: o *era uma vez* a favor da educação.

Cristiane Apolinário Penetra

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno
(orientador)

Profa. Dra. Marcela Afonso Fernandez

Rio de Janeiro
2011

*À Honorina Apolinário Penetra.
Mãe, protetora, cuidadora, amiga, e companheira.
Exemplo único de mulher guerreira.*

*Ao Miguel Vieira Penetra.
Pai, provedor, solidário e, trabalhador.
Exemplo de bondade e fraternidade.*

Agradecimentos

À minha mãe, por todo incentivo e ajuda cotidiana.

Ao meu pai, pelo auxílio e apoio.

Ao meu irmão, pela alegria e descontração.

Aos amigos Tiago Ribeiro da Silva e Caroline Martins Vieira de Melo, pelo companheirismo e carinho.

Ao Alberto Roiphe Bruno, pela paciência em me orientar na produção desta monografia.

À Marcela Afonso Fernandez, por aceitar generosamente ser a segunda leitora deste trabalho.

A todos os professores, colegas e funcionários da UNIRIO, por participarem do meu processo formativo cada qual da sua forma.

A imaginação é mais importante que o conhecimento.
Albert Einstein

RESUMO

Diante do fato da contação de histórias ser uma prática recorrente nas escolas, esta monografia visa tratar desse fenômeno e discutir quais são as decorrências dessa prática para a educação. Assim, esta produção tem por objetivo promover uma reflexão acerca do ato de contar histórias e fomentar uma discussão sobre a relação entre o mesmo e a pedagogia. Para tal foi realizada previamente uma pesquisa metodológica de caráter fenomenológico, uma vez que tem seu foco nos sujeitos envolvidos na contação (contador/professor e ouvinte/aluno), e de cunho qualitativo, visto que se pautou na análise de narrativas oriundas de entrevistas, além da leitura de pensadores da prática de contar histórias, da narrativa e da pedagogia. Como, por exemplo, Regina Machado (2004), Benjamin (1994) e Ângela Kleiman (2001), entre outros. E com o intuito de planificar o objetivo supracitado, este trabalho foi estruturado em uma introdução, dois capítulos e considerações finais. Dessa forma, iniciaremos definindo o significado de contação de histórias e apresentando duas perspectivas acerca da existência desse fenômeno, uma que defende sua possível extinção e outra que acredita na sua continuidade. No primeiro capítulo trataremos de alguns aspectos da contação, como sua atmosfera de encantamento e seus sujeitos (contador e ouvinte), também falaremos sobre os espaços onde esse ato pode ser realizado e sobre as contribuições da contação para o processo de ensino e aprendizagem. No segundo capítulo serão expostas duas entrevistas. Uma delas com a contadora de histórias Edith Maria Neveslacerda e outra com a professora de uma turma da Educação Infantil Renata Paula da Rocha. Tais entrevistas nos auxiliarão no diálogo entre a teoria e a prática. E por fim, destacaremos a contribuição da contação de histórias para pedagogia e vice-versa.

Palavras-chave: Contação de histórias; Encantamento; Prática pedagógica.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	p. 08
2. Capítulo 1: Aspectos da Contação de Histórias.....	p. 15
2.1 O prazer de contar e o encantamento de ouvir.....	p. 15
2.2 A presença das vivências pessoais.....	p. 17
2.3 Os espaços onde a contação acontece.....	p. 19
2.4 Contação como arte e possível recurso educacional.....	p. 21
3. Capítulo 2 – Análise das entrevistas.....	p. 25
4. Considerações finais.....	p. 36
5. Referências.....	p. 38

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo fomentar uma reflexão acerca das nuances que permeiam o ato de contar histórias: aspectos que envolvem seus atores e autores¹ (contador e ouvinte); os espaços onde tal ato ocorre; e a contribuição do mesmo para os processos de ensino e aprendizagem. Além disso, pretende lançar uma interlocução entre teoria e prática, ao trazer entrevistas com uma professora e uma contadora de histórias e estudá-las à luz de alguns pensadores. Tais questões serviram de base para a discussão sobre a relação estabelecida entre a pedagogia e a contação de histórias.

Uma vez explicados os objetivos deste trabalho, é importante dizer que a metodologia de pesquisa adotada para sua elaboração foi a fenomenológica de cunho qualitativo, tendo em vista que o foco da pesquisa está nos sujeitos (contador/professor e ouvinte/aluno) envolvidos no fenômeno (contação). Além disso, foi realizada uma análise de narrativas coletadas de entrevistas realizadas com duas pessoas que praticam a contação de histórias. Assim, como também foi feito um levantamento de pensadores da referida prática, da narrativa e da pedagogia. Tais como, Regina Machado (2004), Benjamin (1994) e Ângela Kleiman (2001), entre outros. Seguida dessa busca, houve a leitura desses autores que serviram de base teórica para esta produção.

Para darmos início à proposta supracitada, faz-se necessário definirmos, antes disso, o elemento de observação ao qual essa produção se dedica: a contação de história. Esse conjunto de palavras é usado para expressar o ato de narrar contos, histórias ou causos. Fazem parte da contação: o contador e o(s) ouvinte(s). Eles são essenciais para a realização dessa prática. Ela só acontece na presença de ambos, mas, para que a fala seja

¹ Referimos-nos aqui a contadores e ouvintes como atores e autores partindo do pressuposto de que ambos são os escritores e os intérpretes da contação.

representativa e a escuta ativa, deve haver um laço bem definido de interação entre as partes.

Esse laço pode ser amarrado pela boa condução do enredo. O contador, por meio deste, deve desafiar, sensibilizar e instigar a curiosidade dos ouvintes pela história que lhes é contada. Feito isso, o interesse pela contação é facilmente despertado; o envolvimento e a interação entre contador e ouvinte são garantidos e o que é contado ganha vida na imaginação daqueles que escutam a narrativa. Dessa forma, podemos pensar que a contação de histórias é a arte de narrar, na qual o contador de histórias deve ser compreendido como o artista: aquele que usa a palavra como ferramenta de sua obra para provocar a imaginação dos ouvintes.

Mas, segundo nos afirmava Benjamin (1994), em sua época, a arte de narrar estava prestes a se tornar extinta. A cada dia diminui mais o número de pessoas que, realmente, estão dispostas a narrar, a contar da experiência, a compartilhá-la. Esse autor nos chama a atenção para o embaraço que surge quando se é pedido que algo seja narrado. Ele nos diz, ainda, que “é como se estivéssemos privados de uma faculdade de intercambiar experiências” (*idem, ibidem*, p. 198).

E, se a narrativa está em vias de morrer, também está prestes a entrar em extinção a sabedoria popular oriunda dessa comunicação. Posto que o senso prático seja a marca de muitos narradores, estes imprimem à narrativa um caráter utilitário quando, por meio delas, transmitem um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou, até mesmo, uma norma de vida. Ou seja, o narrador também desempenha o papel de conselheiro. Contudo, o lado épico da verdade presente nos contos tem sido desvalorizado, uma vez que as experiências estão sendo menos comunicáveis. (*idem, ibidem*, p. 198).

Ao acompanharmos a perspectiva na qual Benjamin (*op. cit.*) se debruça, entendemos que os sujeitos perderam o costume de praticar o ato de contar histórias para os seus. A narrativa é cada vez menos realizada e, aos poucos, parece desaparecer. Os sujeitos da sociedade de hoje estão deixando de vivenciar experiências comunicáveis e a palavra oral padece, no nível da troca de verbal de experiências.

Seguindo a linha de raciocínio de Benjamin, Patrini (2005) nos diz que o desaparecimento do conto deve-se ao surgimento das mídias imagéticas, mais especificamente, cinema e televisão. Elas teriam tomado o lugar dos saraus, das conversas de roda nas quais as histórias se faziam presentes. Essa observação entende que a imagem exerce um enorme fascínio sob os sujeitos, assim o conto e a escuta do mesmo são substituídos pelo som e imagem dos televisores e das telonas de cinema. Tamanho fascínio se deve ao fato de que somos seres de uma cultura visual fortemente arraigada.

Portanto, a extinção da narrativa não seria justificada apenas pela baixa das ações da experiência, da troca de vivências entre os seres humanos. Além disso, o surgimento do romance no início do período moderno e sua consolidação posterior, por meio de elementos favoráveis oferecidos pela burguesia que surgia simultaneamente nesse mesmo período, provocaram, aos poucos, a substituição da narrativa épica por ele. E por mais que a narrativa tenha tentado realizar estratégias de sobrevivência (mudança de forma e conteúdo, por exemplo) não conseguiu manter-se frente às outras tendências (BENJAMIN, 1994).

Isso porque não só o romance veio para ocupar o espaço da narrativa; a informação também foi uma grande contribuidora para o declínio do mesmo, visto que a imprensa, de presença marcante dentro do capitalismo burguês, instaurou essa nova

forma de comunicação, a informação! Ela se destacou por colocar os sujeitos a par dos acontecimentos de forma plausível e com autoridade, diferente do caráter miraculoso próprio da narrativa.

Mas será mesmo que há esta substituição? Será que essas linguagens, narrativa oral e mídias, não podem conviver juntas na sociedade? Se pensarmos em alguns exemplos parecidos com este, veremos que elas podem, sim, coexistir. Haja vista a coexistência da escrita cursiva e da digital, assim como da carta e do e-mail, do livro e da internet, entre outros tantos. Isso porque o espaço social é grande o bastante para comportar todos estes aparentes opostos, visto que ele é caleidoscópico, um mundo móbil e sempre (re)inventado, onde cabem o isso e o aquilo, e não apenas isso ou aquilo...

Além disso, frente à desoladora expectativa de que a narrativa entrará em extinção, de que a prática de contar histórias sumirá da face da Terra, temos a natureza social dos seres humanos e o peso de uma tradição oral que marcou a história da humanidade. Pensando nesses dois pontos, talvez, pudéssemos construir um renovado sentimento de esperança em relação a essa catastrófica previsão.

A história da tradição oral vem de longas datas. O ato de contar histórias é uma prática bastante antiga, inclusive anterior à escrita. Era por meio da tradição oral que os povos transmitiam de geração a geração suas culturas e mantinham vivas as suas histórias. Ou seja, por meio da oralidade o conhecimento guardado na memória era compartilhado entre os membros dos grupos sociais (ARAÚJO, 2009).

Algo que exemplifica bem essa ação de compartilhar o conhecimento através da oralidade é o fato de que, em diversas culturas, a identidade do grupo estava sob a guarda dos contadores de histórias, já que na prática eles que eram os portadores e

multiplicadores das memórias da comunidade de que eles faziam parte. E é de acordo com as influências das sociedades e das diversas épocas que essa arte milenar oral vem se delineando e se desenvolvendo ao longo dos anos.

Mas o surgimento da tradição oral só foi possível graças à capacidade de falar do ser humano e de uma necessidade natural do mesmo: a necessidade de socializar! Socializar é a apreensão de hábitos peculiares de um determinado grupo social. Trata-se do processo através do qual o sujeito se torna um membro funcional de uma comunidade, tomando para si a cultura que ela produz e contribuindo na construção da mesma. É um processo constante e que não se finda. Como seres sociais, estamos interagindo a todo tempo, tanto com o ambiente como com o outro.

Tendo por referência a definição de socialização² apresentada por Fábio Fernandes Villela³, entendemos que, na interação com o outro, a comunicação se faz presente como mecanismo da socialização. Por meio da oralidade, os seres humanos puderam e podem, ainda hoje, intercambiar experiências e compartilhar seus saberes através dos tempos e das gerações. Desse modo, ao fazer parte de um grupo e se apropriar dos hábitos e valores característicos de sua cultura, o sujeito desenvolve sua personalidade e é admitido naquela sociedade. Sendo assim, a socialização por meio da oralidade não promove apenas a interação entre os sujeitos, mas também promove a continuidade dos sistemas sociais.

² O termo socialização está sendo empregado sob a perspectiva abordada por Fábio Villela, no texto intitulado "Por uma abordagem ontológica dos modos de socialização da reestruturação produtiva". Ou seja, este conceito está sendo usado a partir do entendimento de que o termo socialização designa o conjunto de mecanismos pelos quais o indivíduo interioriza as normas e valores de seu grupo de pertença e constrói sua identidade social. Sendo esse processo o que garante a sua integração com seu grupo e com a sociedade como um todo. Além disso, embasados na linha durkeimiana, podemos entender que socialização é o processo pelo qual a sociedade favorece e reforça sua homogeneidade por meio da aprendizagem de regras e de normas pelas novas gerações. Complementando essa definição, a partir de uma abordagem weberiana, podemos dizer, ainda, que a socialização corresponde ao processo pelo qual o indivíduo se apropria das regras de uma organização e ao conjunto das interações pelos quais se constrói a identidade social.

³ Professor de Sociologia, Departamento de Educação, Ibilce/Unesp - S. J. Rio Preto – SP.

Além disso, Regina Machado (2004) nos fala sobre o preenchimento de outra necessidade humana por meio da narrativa. Segundo ela, temos o desejo de transcender o tempo e a morte. Esse desejo pode ser observado nas nossas tentativas de nos mantermos aparentemente mais jovens do que indica nossa idade ou quando buscamos a cura para as doenças da humanidade. Enfim, esse desejo de transcendência está em nós, seja representado pela busca da fonte da juventude ou pelo medo da morte.

Tal anseio pode ser satisfeito por meio das formas narrativas. Isto porque a imaginação criadora que desencadeia a arte narrativa provoca em nós um “sentimento de infinitude”. Esse efeito acontece quando, por meio das histórias que (re)contamos, vivenciamos o impossível e nos perpetuamos através das gerações. É dessa forma que nós ganhamos a eternidade e nos fazemos imortais. (*idem, ibidem*).

Diante do que foi posto, podemos perceber a importância da narrativa dentro das sociedades. Trata-se de uma relação antiga e fundamental para o ser humano, calcada em uma capacidade sua que é única (a fala) e de necessidades que lhe são singulares (a socialização e o desejo pela imortalidade). São características que sempre estarão presentes nos sujeitos. Portanto, em virtude delas, a narrativa não pode desaparecer.

Uma vez definido o que vem a ser contação de histórias, percorreremos algumas perspectivas de autores descrentes da continuidade dessa prática e, nesse processo, nos deparamos com outras visões otimistas em relação à mesma. Agora podemos seguir adiante nas nossas reflexões sobre esse tema, buscando pensarmos um pouco nas particularidades que o compõem.

Para isso, no capítulo 1 trataremos da magia da contação de histórias, das relações entre os envolvidos e a contribuição de cada um deles para esse ato, dos

espaços onde ela acontece e da prática de contar histórias na educação. Além disso, no capítulo 2, poderemos travar uma interlocução entre teoria e prática através da apreciação de entrevistas com uma contadora de histórias e uma professora que pratica a contação em suas aulas. Por fim, traremos uma reflexão acerca da relação entre a pedagogia e a contação de histórias.

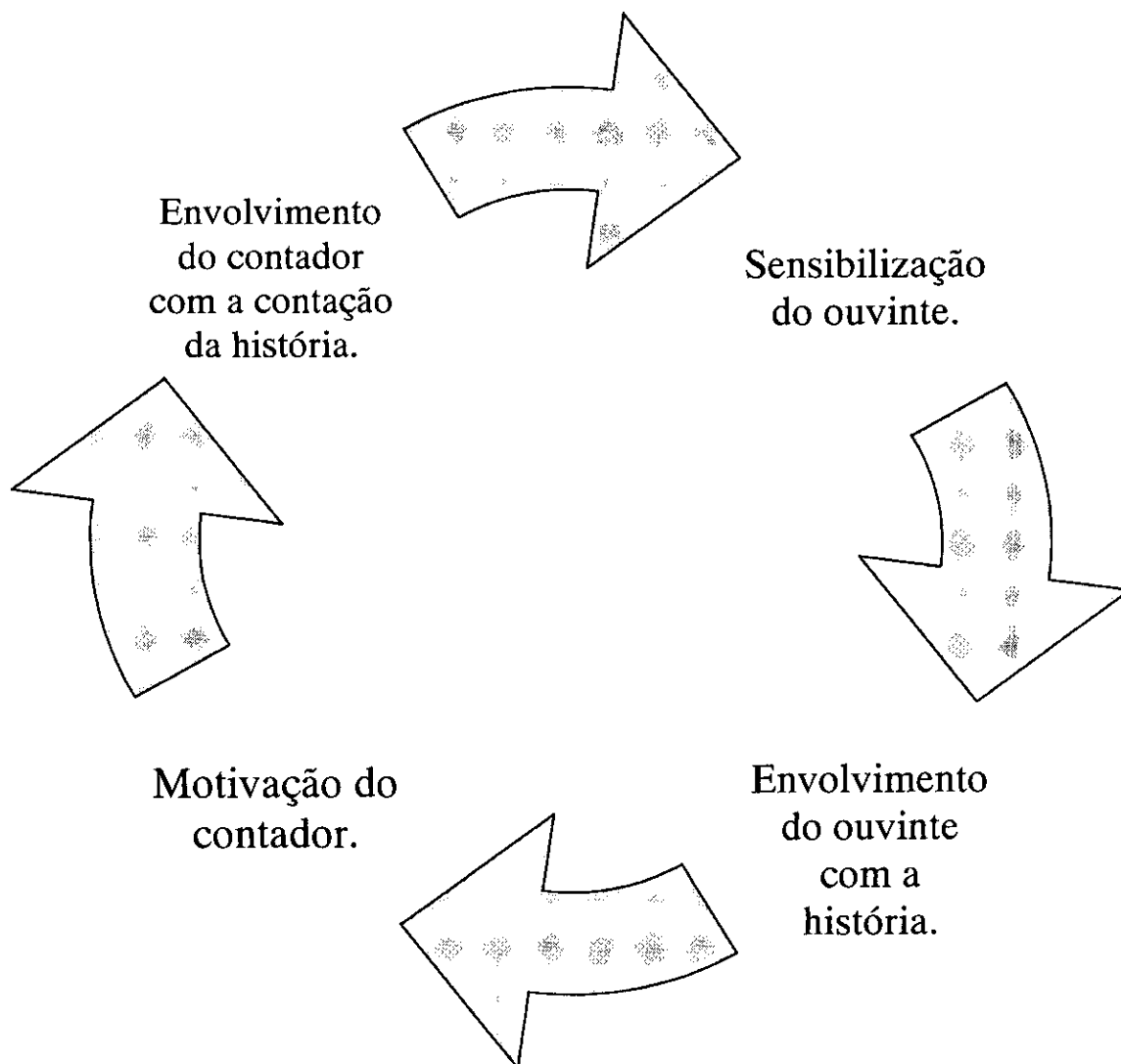
2. CAPÍTULO 1: ASPECTOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

2.1 O PRAZER DE CONTAR E O ENCANTAMENTO DE OUVIR

O presente capítulo pretende promover uma reflexão acerca dos aspectos que envolvem os dois principais sujeitos da contação de história: contador e ouvinte. Assim, iniciaremos discutindo sobre a mágica atmosfera que é criada no momento em que acontece a contação. É nesse momento que a comunicação conecta os sujeitos de forma diferenciada. Eles são envolvidos e lançados para outro mundo, um lugar novo, rico, repleto de saberes, experiências, culturas e encantamentos. Esse é o mundo da fantasia! Assim como Kleiman (2001) nos falou sobre o texto literário, também poderíamos dizer que a contação de histórias “carrega em si nuances multicoloridas, transportadas por um arco-íris rumo à sensibilidade”. (p.147)

Isso significa que a história que é contada com vontade e prazer aguça a atenção daqueles que a escutam. Quando o ouvinte é sensibilizado pelo envolvimento do contador com a história, é formada uma atmosfera envolvente e de encantamento. O contador, por sua vez, recebe o interesse dos ouvintes com satisfação e prazer. Esse interesse passa a ser para ele uma motivação para desempenhar, da melhor forma, o seu papel de contador. Percebemos aqui um sistema cíclico na relação estabelecida entre os envolvidos na contação (contador e ouvinte). Para uma melhor visualização desse sistema, a seguir um diagrama do mesmo⁴.

⁴ Esse diagrama foi elaborado a partir das reflexões realizadas durante a produção deste texto.



Ao narrar, o contador deve transmitir confiança, despertar a atenção e a admiração do ouvinte. Na busca pela conquista do encantamento destes, o contador pode lançar mão de uma série de artifícios para atingir tal objetivo. Como, por exemplo, o uso de estratégias da oralidade, tais como a entonação, as gírias, os sotaques e as onomatopéias. Ele também pode fazer uso da dramatização por meio da encenação e da utilização de objetos. Enfim, são variados os recursos dos quais ele pode fazer uso para criar uma atmosfera envolvente e sedutora, que aproxime ainda mais os sujeitos da história que é contada. Discutiremos um pouco mais acerca do uso de cada um desses recursos no decorrer do texto.

O momento da contação promove a troca de experiências entre aqueles que dela fazem parte: contador e ouvinte. De acordo com Benjamin (1994, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. Tal troca dá um caráter dinâmico a esse acontecimento. Percebemos isso ao observarmos o dinamismo existente na interlocução realizada entre os atores (contador e ouvinte) presentes no ato da contação.

2.2 A PRESENÇA DAS VIVÊNCIAS PESSOAIS

A contação de história está submersa nas experiências pessoais tanto do contador como dos ouvintes. São essas experiências que servem de matéria-prima para a construção e o desenrolar da história. Percebendo a contação enquanto narrativa, é valiosa e pertinente a fala de Benjamin (*op. cit.*) quando ele nos diz que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. (*idem, ibidem*, p. 201).

Benjamin nos apresenta, ainda, duas possíveis famílias de narradores. Uma seria a do narrador que vem de longe, a qual é associada ao viajante ou marujo. A outra seria a do narrador como sujeito de raízes, conhecedor das histórias e tradições de seu próprio povo, a essa família é associada a figura do camponês. Essa lógica que classifica famílias de narradores está calcada no sistema corporativo medieval.

Caminhando por essa lógica classificatória, se as famílias acima foram as pioneiras na arte de narrar, de acordo com o sistema corporativo, foram os artífices que aperfeiçoaram essa arte, posto que estes reuniam os saberes distantes trazidos pelos imigrantes e os saberes do passado transmitidos pelos trabalhadores sedentários. Essa interpretação das famílias de narradores nos diz o quanto é forte e marcante a influência das experiências pessoais na construção da narrativa daquele que conta a história ao outro.

Entretanto, se é tornado evidente a contribuição das experiências pessoais do contador para a narrativa, temos de ter em mente que as experiências dos ouvintes também são essenciais para a história. Isso porque, cada qual percebe o que lhe é contado de uma forma única e particular. Assim, uma mesma história pode ser várias, já que pode haver infinitas interpretações, as quais variam de acordo com as experiências de cada um de nós. Sob essa perspectiva, Regina Machado (2004) nos diz que “o conto estabelece uma conversa entre sua forma objetiva - a narrativa - e as ressonâncias subjetivas que desencadeia, produzindo um determinado efeito particular sobre cada ouvinte” (p. 23-24).

Além disso, as reações/manifestações dos ouvintes são facilmente percebidas pelo bom contador, que pode (re)organizar a narrativa de acordo com elas; portanto, são valiosas dicas. Dando, por exemplo, mais ênfase a isso ou aquilo, (re)nomeando personagens e lugares da história que possam ser familiares ao ouvinte, adequando sua linguagem ao seu público, entre outras tantas estratégias de narração.

Partindo da lógica de análise da estrutura da metáfora apresentada por Kleiman (2005), podemos identificar um movimento de familiarização entre o ouvinte e a história contada. A utilização das próprias experiências do contador e a incorporação das experiências dos ouvintes à história narrada propicia um movimento facilitador que incita a familiarização do ouvinte com a história. Tal movimento constroi um vínculo do ouvinte com a história, isto porque permite tratar o que pode ser desconhecido, distante ou abstrato como se fosse, em alguns aspectos, familiar, próximo ou concreto.

Outro ponto facilitador desse processo de familiarização do ouvinte com a história é o fato de elas serem atemporais. Uma história de longos anos atrás pode ser compreendida hoje, no agora. Para Regina Machado (2004), isso é possível em função da universalidade do ser humano somado a existência pessoal, constituinte dessa

universalidade, que permitem que o sujeito presentifique o tempo da história. Nesse processo é construída uma organização imaginativa do tempo, independentemente do tempo real. É criado o tempo da fantasia!

2.3 OS ESPAÇOS ONDE A CONTAÇÃO ACONTECE

A contação de história pode ser vista como um fenômeno flutuante. Sob essa perspectiva, ela é entendida como um acontecimento que não necessita de um local específico no qual deva ocorrer. São vários os espaços onde a contação acontece. Uma mesma história pode ser contada em lugares diferentes, assim como um mesmo lugar pode servir de cenário para a contação de histórias distintas.

Embora a ênfase deste trabalho seja no espaço escolar, se faz necessário mencionarmos outros espaços onde a contação é praticada, uma vez que eles também têm a sua importância no tocante à mesma. Mencionaremos aqui quais podem ser esses lugares que estão além dos muros escolares, que rompem essa fronteira. Regina Machado (*op. cit.*) nos dá exemplos contundentes desses espaços quando cita que “há contadores em bibliotecas, escolas, hospitais e nos diversos espaços culturais” (p. 14). Ou seja, ela nos mostra que o lugar da contação não é apenas na escola, mas em outros espaços também.

Como bem nos lembra Regina Machado (*op. cit.*), são nos hospitais que voluntários contam histórias para crianças internadas, exercitando o nobre ato da solidariedade. Buscando refletirmos um pouco sobre esses espaços, qual deles seria mais propício para a contação do que aquele que é a morada oficial dos livros, a casa da palavra? É quase inevitável que na biblioteca, submersa pelos livros, a contação aconteça. As histórias parecem estar lá apenas aguardando para serem ouvidas.

E quanto aos diversos espaços culturais? Estes podem se materializarem em museus, feiras literárias, festivais culturais, entre tantos outros. Além dos já mencionados, poderíamos citar um lugar ainda mais óbvio. Quem nunca ouviu um familiar contar uma história? Não há lugar mais óbvio para a contação do que nossa própria casa! Sim, são contadores de histórias, também, os pais, mães, avôs, avós, tios, tias... Enfim, todos aqueles que no lar contam histórias, seja talvez para uma criança antes de dormir ou para outro adulto em uma roda de conversa. O lar, certamente, é um dos lugares mais propícios para que o ato de contar histórias ocorra. É no espaço do cotidiano, da troca de experiências, que os sujeitos, muitas vezes, se encontram “abertos” para contar e ouvir suas histórias, as histórias do outro, as histórias de todos nós!

Locais menos óbvios também podem ser espaços de contação. São naqueles lugares improváveis, que a princípio não seriam espaços em potencial para o ato de contar histórias, que muitas vezes essa prática surge de forma surpreendente. Quantos de nós já devemos ter ouvido uma história ser contada num lugar, aparentemente, menos provável? Como, por exemplo, num acampamento, num parque, num zoológico... As alternativas de espaços para contação são muitas, talvez infinitas, posto que todos eles sejam locais em potencial para realização do ato de contar histórias.

Dentre todos esses espaços, não menos importante é o espaço escolar, aquele ao qual essa monografia se dedica. Dentro desse espaço, também, há uma série de possibilidades de escolhas para o lugar onde será realizada a contação. Por isso é importante a observação de todo o espaço e de suas qualidades para que a escolha seja a mais adequada. Já que ele deve ser propício para acolher bem as situações que forem narradas. Não deve ter muitas informações visuais para que estas não influenciem ou,

até mesmo, dificultem a projeção das imagens internas dos alunos-ouvintes. (*idem, ibidem*).

São vários e diversos os espaços da contação, pois esse fenômeno não exige pré-requisitos espaciais definidos para acontecer. Os cenários sempre podem ser improvisados e imaginados. Portanto, a contação pode acontecer em todo e qualquer lugar, basta apenas alguém disposto a contar e outro interessado em ouvir. O que se destaca desses espaços é a sua capacidade de reunir e agregar os sujeitos, possibilitando as trocas de conhecimentos, sentimentos e emoções entre os mesmos.

2.4 CONTAÇÃO COMO ARTE E POSSÍVEL RECURSO EDUCACIONAL

A contação de história pode desempenhar uma série de papéis. Não devemos entender que seu fim único seja apenas o entretenimento. A contação vai além do mero momento de distração ou lazer. Segundo Regina Machado (*op. cit.*), os “contos expressam trajetórias de desenvolvimento humano e são possíveis fontes de conhecimento”. Assim, ainda de acordo com ela, um “bom contador de histórias é alguém que de alguma maneira se dispõe a ser um porta-voz desse tesouro”. (p. 64)

Podemos perceber o papel da contação na aquisição de conhecimentos quando lançamos um olhar atento no ambiente escolar. Nesse espaço, a contação vai além da função que ela tem em si mesma. A prática da contação de histórias na escola estimula a imaginação, que é um elemento essencial no processo de construção do conhecimento como um todo. Por meio do exercício de escuta e do vislumbamento das imagens sugeridas pelo contador, os sujeitos entram em contato com uma enorme gama de imagens internas, fruto de suas vivências. (*idem, ibidem*)

Assim, o encontro com essas imagens internas é para o educando a oportunidade de (re)organizá-las para que façam sentido naquele momento, pois, muitas

vezes, as coisas do mundo adulto parecem inexplicáveis. Esse contato possibilita que a criança se familiarize com o que até então é desconhecido para ela e, a partir disso, compreenda o que não pode ser ensinado de forma convencional. Ou seja, a narrativa converte as desordens inexplicáveis dos acontecimentos das nossas vidas em experiências dotadas de significados definidos. (*idem, ibidem*)

Como nos aponta Regina Machado (*op. cit.*), o trabalho com os contos tradicionais pode favorecer esse contato com as imagens internas. Tal afirmação pode ser estendida ao trabalho com contos em geral, devido à semelhança de propostas de trabalho dos mesmos com relação ao que é aqui tratado. Sendo assim, o desdobramento desse contado, que pode ser promovido pelo trabalho com os mais diversos tipos de contos, seria o estímulo das crianças aos questionamentos. Regina Machado afirma que “os contos produzem efeito em diferentes níveis de apreensão: podem intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, perguntas, questões, provocar o riso, o susto, o maravilhoso” (*ibidem*, p. 32). Em suma, a vivência da contação dentro do processo de ensino e aprendizagem pode contribuir para a formação do cidadão crítico.

Quando falamos aqui em cidadão crítico, devemos entendê-lo como um sujeito inserido em sua sociedade de forma reflexiva e participativa. Tais características podem ser desenvolvidas por meio do trabalho com os contos, já que, ao ouvir as histórias, o educando pode ter despertada a sua criticidade e capacidade de analisar os fatos que acontecem na sociedade. E, a partir disso, ele pode se tornar capaz de mudar sua própria história ao tomar consciência da sua potencialidade como ser social ativo.

Outra contribuição do trabalho com os contos tradicionais, que também pode ser estendida aos contos em geral, é o fato de eles trazerem uma imensa bagagem cultural, já que retratam características culturais dos povos pelos quais eles são criados e

contados. Por meio das apresentações culturais que estes contos fazem, a criança pode desenvolver a compreensão das múltiplas culturas. Dessa forma, o trabalho com o conto pode gerar “o estudo das diferenças e das peculiaridades da nossa própria cultura, favorecendo a consciência da nossa identidade” (*idem, ibidem*, p. 33), exercendo um importante papel formativo.

Dessa forma, a contação vem mostrando suas preciosas contribuições para a formação dos sujeitos. E quando falamos sobre ela, falamos também sobre as histórias - por sua vez, estas podem nos remeter aos livros, morada de tantas delas. Entendendo que não só o trabalho com a contação, mas também com a leitura promove a familiarização e incentiva os educandos a essas práticas. Diante disso, percebemos o quanto pode ser valioso o conselho de Regina Machado (*op. cit.*) quando afirma que “na escola é conveniente alternar essas situações de ler e contar para ampliar as possibilidades de escuta e aprendizado dos alunos”. (p. 78) Ou seja, o trabalho paralelo de ler e contar pode favorecer de forma significativa a aprendizagem dos educandos.

Contudo, devemos ter cuidado para não transformarmos a contação em uma mera ferramenta de ensino, destituída de caráter estético. O trabalho com a contação no espaço escolar corre esse risco, caso o educador não seja conhecedor da complexidade e das múltiplas facetas da contação. E mais, o uso da contação com o fim único de ensino pode privar o educando de conhecer e vivenciar plenamente essa linguagem que deve ser, principalmente, prazerosa para todos.

Temos percebido que hoje nas escolas tem acontecido a *pedagogização*⁵ da contação de histórias. Essa prática tem servido como instrumento de ensino. O perigo disso está no exagero do caráter educativo, no qual uma aprendizagem determinada

⁵ Esta palavra vem aqui representar o mesmo sentido a ela atribuído por Magda Soares (1999) quando a mesma nos fala sobre a escolarização da literatura. Essa colocação pode ser estendida ao que diz respeito à didatização do conto e da narrativa oral. O que os “desfigura”, “desvirtua” e “falseia”.

deve ser ensinada a qualquer custo. Desse modo, a contação se torna algo forçado, de fim único educativo, até mesmo, podendo desinteressar as crianças. A respeito disso Corso (2006) nos diz o seguinte:

Muitas vezes, certos adultos querem dar aula até no recreio, e isso as crianças sentem quando lhes oferecem histórias marcadamente educativas, repletas de bons princípios morais, mesmo que sejam pautadas por ideais modernos, como tolerância e o respeito à natureza. Se esses princípios fizerem parte da vida do autor, provavelmente encontrarão eco em suas histórias e, por essa via, serão construídas as personagens boas e éticas com os quais elas gostam de se identificar, mas se elas farejam que estão diante de um Cavalo de Tróia repleto de pedagogia, não terão dúvidas em incendiar o engodo. (CORSO & CORSO, 2006, p. 304).

Tendo isso em vista, é importante ouvirmos o que tem a dizer quem conta histórias. Por isso, no próximo capítulo, trazemos depoimentos pessoais de quem dá vida à contação, uma vez que já discutimos acerca da magia existente nesse ato, assim como tratamos também das relações travadas entre os envolvidos nele. Pudemos perceber as contribuições das experiências pessoais, tanto do contador como do ouvinte, para as narrativas e visualizamos os variados espaços nos quais ela pode acontecer. E, ainda, refletimos sobre as contribuições do trabalho com a contação para os processos de ensino e aprendizagem.

3. CAPÍTULO 2: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo iremos apresentar duas entrevistas, que servirão de base para a retomada de alguns aspectos da contação de história já mencionados ao longo desta produção, porém importantes para discussão de novos pontos. Tais entrevistas foram feitas com a contadora de histórias Edith Maria Neves Lacerda e com a professora de uma turma da Educação Infantil, Renata Paula da Rocha. Ambas colaboradoras de uma escola particular construtivista na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Eis as entrevistas:

1) Qual é a sua formação?

Contadora: *Estudei Licenciatura em Ciências Biológicas e Especialização em Línguas Indígenas Brasileiras. Minha experiência profissional como educadora inclui um período de quase quatro anos (de 1988 a 1991) em que vivi em uma aldeia indígena participando como professora da tribo Waimiri-Atroari. Eu foi contratada por um programa de assistência criado por um convênio entre Eletronorte e Funai. Essa experiência única mudou meu olhar para o outro, para o que é diverso de mim. Me proporcionou um benéfico afastamento do meu próprio “umbigo”, o que me permitiu construir um respeito enorme pela diversidade cultural e linguística que existe no nosso país.*

Professora: *Fiz Pedagogia na Unesa em 2005.*

Essas respostas são exemplos simbólicos de que, independente da formação, todos nós podemos ser contadores. A despeito disso, Regina Machado (*op. cit.*) nos afirma que “o dom de contar histórias é, na verdade, um exercício constante, um aprimoramento contínuo de possibilidades internas de ver o mundo de outras formas”.

(p. 73) Portanto, independente da nossa formação, todos nós podemos contar bem uma história. Para isso, é importante conhecermos bem nossos recursos internos e aprendamos exercitá-los.

Mas como realizar esses exercícios? Segundo essa mesma autora, isso pode ser feito através de práticas de algumas habilidades, tais como:

1. de observação – de pessoas, tipos humanos, fatos, objetos e fenômenos da natureza, ou seja,
2. de percepção da expressão das coisas, o que quer dizer, “ver” e “conceber” com a imaginação, com a intuição do que pode ser. Para isso são necessários:
3. curiosidade, senso de humor, capacidade de brincar, de correr o risco, de perguntar, de ter flexibilidade para ver as coisas de diferentes pontos de vista,
4. contato com imagens internas significativas, com o poder do silêncio e do mistério, com as possibilidades expressivas dos gestos corporais, do olhar e da voz. (*idem, ibidem*, p. 72).

2) Qual foi o seu primeiro contato com a contação de história?

Contadora: *Meus pais sempre me contavam histórias quando eu era menina. Na minha casa havia muitos livros infantis e vivi cercada deles. Quando aprendi a ler, deixava um dicionário à mão para garantir minha independência de desfrutar do livro sem a mediação de um adulto. Assim me formei como leitora. Ainda bem jovem contava histórias informalmente para crianças da família ou filhos de amigos com livre acesso a muitos títulos infanto-juvenis da biblioteca de minha irmã que já atuava como educadora. As palavras sempre foram e são meu objeto de atenção, interesse e paixão!*

Professora: *Minha mãe era professora e desde que eu era bebê me contava muitas histórias, fazendo com que eu me encantasse e valorizasse desde muito cedo o universo literário.*

É comum que nosso primeiro contato com a contação de histórias seja na infância. Nessa fase da vida, é frequente que os pais ou adultos próximos contem-nos histórias. Dessa forma, somos “preparados” para o mundo externo com o auxílio das narrativas que nos são contadas enquanto o nosso ciclo social ainda é muito estreito, normalmente restrito ao ceio familiar.

3) Como surgiu o seu trabalho com a contação?

Contadora: *Em 1995, me inscrevi em uma oficina de contadores de histórias na Casa da Leitura sob orientação de Francisco Gregório Filho e Eliana Yunes. Esta oficina foi um divisor de águas na minha formação profissional e no meu olhar para a leitura.*

A convite de Gregório, durante um ano o acompanhei como contadora de histórias em seminários de leitura promovidos pelo PROLER⁶ através da Biblioteca Nacional por várias cidades pelo Brasil afora.

Nessa época eu contava textos autorais para adultos, respeitando cada palavra escrita pelo autor. Foi um verdadeiro mergulho na minha paixão por literatura, compartilhando minhas preferências ao escolher um repertório a mim muito caro e especial. A poesia sempre teve lugar de destaque na minha vida de leitora e no meu repertório para adultos.

⁶ Programa Nacional de Incentivo à Leitura

Professora: *A partir da minha prática pedagógica de sala de aula, percebi a importância de contar histórias para meus alunos e assim faço diariamente. Comecei a contar histórias por ver a necessidade de trabalhar o imaginário das crianças, o lúdico, a capacidade de abstração. Além disso, trabalho em uma escola na qual temos como um dos grandes objetivos pedagógicos a formação do leitor e por isso, ouvir histórias e saber apreciá-las é imensamente importante.*

Podemos perceber nas respostas, de forma sutil, o porquê cada uma das entrevistadas escolheu contar histórias: uma por gosto pela poesia e pela literatura; a outra por perceber essa prática como possível recurso educacional. Essas informações parecem ir ao encontro de um dos itens constituintes da presença⁷, como nos diz Regina Machado (*op. cit.*), ela nos remete a intenção. Esta “é o que move e dá sentido à experiência de contar histórias” (p. 70) Com isso entendemos que a intenção é a “mola propulsora” do ato de contar. É por causa dela que a história é contada.

E a intenção pode variar de pessoa para pessoa, cada qual tem a sua própria. Essa intenção está na esfera da subjetividade dos sujeitos: ela vai ficando mais clara para estes à medida que eles buscam se perguntar por que querem ou gostam de contar histórias. Mas só com o passar do tempo, ao longo da experiência de contar e recontar, é que esse questionamento é respondido e a intenção se revela de forma mais definida.

4) Realizou algum tipo de capacitação ou experiência que te permitiu aprimorar sua forma de contar? Quais?

Contadora: *Fiz a oficina de contadores de histórias na Casa da Leitura com o Gregório e a Eliana Yunes.*

⁷ Esse termo será definido no comentário seguinte acerca das duas próximas questões.

Professora: *Apenas reuniões pedagógicas na escola onde trabalho com a assessora da Biblioteca e especialista em Literatura infantil. Nessas reuniões discutimos a importância do trabalho com os livros e a contação de histórias na escola.*

**5) Já buscou contribuições de outras áreas para aprimorar seu modo de contar?
Em quais?**

Contadora: *Sim. Vários elementos de cultura popular enriquecem meu trabalho: cantigas, “causos”, personagens lendários, mitos, quadras populares, folgedos, arte popular...*

Professora: *Não.*

As perguntas e respostas acima podem ser encaradas como mais exemplos de que todos nós podemos contar histórias. E que cada qual encontra nas suas próprias experiências elementos enriquecedores para sua narrativa. Estas podem ser contadas de diferentes formas; cada um de nós tem um modo particular de exercitar a contação. O que permite que uma mesma história ao ser contada por pessoas distintas seja levada ao ouvinte de maneira igualmente distinta.

Mas contar bem só quem pode é aquele que possui um estado de presença. Ou seja, é um bom contador o sujeito que, ao longo de um processo de aprendizado, chega ao estado de presença. Este é o estado ou a qualidade capaz de provocar em quem o ouve uma vivência estética única. Esse processo de aprendizagem se dá no decorrer das experiências de contação. E tal qualidade, a presença, é composta por três fatores: intenção, ritmo e técnica. “A intenção é o que move e dá sentido à experiência de contar. O ritmo é o que dá vida e verdade pessoal a essa experiência. A técnica é o domínio do instrumento que permite a utilização da intenção e do ritmo.” (*idem, ibidem*, p. 74).

6) Realiza algum tipo de preparação antes do ato de contação? Como?

Contadora: *A preparação consiste na escolha do repertório e na forma de contá-lo, adequando a linguagem à faixa etária do público. Por exemplo, como fazer um link entre uma história e outra, como abordar o tema...*

Professora: *Sim. Leio a história e reflito sobre qual é o meu objetivo ao escolher aquela obra literária. Suscitar alguma discussão necessária, trabalhar com a sonoridade, conhecer o gênero do texto, simplesmente despertar o prazer de ouvir a história, etc. A partir daí penso no tempo disponível, no espaço e recursos que serão utilizados, além do que pretendendo trabalhar ao final. Discutir, pedir que recontem oralmente, alguma produção gráfica, dramatização ou outro tipo de atividade.*

O momento de preparação que antecede a contação é fundamental para a ocorrência deste ato. Durante esse período o contador vai pensar sobre a história: fará sua escolha; refletirá sobre o que a narrativa pode lhe oferecer; pensará nos personagens, nos espaços do conto⁸; elaborará o trajeto que a trama percorrerá enquanto a conduz.

Uma vez pensado na história em si, o contador se volta para os recursos externos, como: objetos; sons (música, canto); roupas e acessórios. Além disso, também pode ser pensado em como essa história será iniciada e terminada. É interessante que os ouvintes sejam convidados a escutarem a narrativa. Para isso, é preciso que seja criado um momento de passagem entre o mundo real e o mundo da fantasia. A história precisa ser anunciada de forma que o ouvinte seja atraído para a contação.

7) Usa algum tipo de recurso ao realizar a contação de histórias? Quais?

⁸ Os significados de espaço do conto e espaço da contação são diferentes. O primeiro está no plano das idéias, não é palpável, trata-se de uma criação imaginativa que constrói o lugar da história. Enquanto o último trata-se do espaço físico onde ocorre o ato de contar as histórias.

Contadora: *Tenho uma saia cheia de bolsos que costumo usar de diferentes maneiras. Posso recheiar os bolsos com bonecos de várias procedências e ir contando a história de cada um deles; posso colocar vários papeizinhos com poemas e quadras para que sejam sorteados... As possibilidades são inúmeras. Já usei também com trabalho com educadores. Essa saia foi inspirada em um texto do Eduardo Galeano que fala de uma mulher na Noruega que tinha uma saia cheia de bolsos com papeizinhos que contavam histórias do “bicho homem”.*

Em cada escola que trabalho, levo sempre um mesmo elemento para ser uma marca da minha presença e das histórias. Para cada escola levo uma bolsa ou uma mala onde coloco os livros e/ou objetos. Esses são meus baús de histórias: dali de dentro saem narrativas, imagens, bichos, cantigas, personagens, magia e encantamento pela leitura. São minha varinha mágica abracadabra para descortinar histórias.

Para os bem pequenos entremio as histórias com trechos de canções, versos de poemas, sons de ruídos para sinalizar que os personagens caíram, mergulharam, pularam... Com os alunos de berçário, se alguma palavra que já faz parte do universo vocabular deles chama sua atenção, procuro reforçá-la repetindo-a e carregando-a de significados através de gestos e sons.

Professora: *Sim. Fantoches, dramatização e objetos, mas na maioria das vezes apenas o livro, ou a voz, sem imagens, pedindo que apenas imaginem o que está sendo narrado.*

Como já foi dito anteriormente nessa produção, há vários recursos que podem contribuir e enriquecer a contação de histórias. Entre eles temos o recurso cênico. Este pode ser o uso de um objeto como o que é citado na história ou a representação dele. Como relatado nas entrevistas, eles podem ser uma saia cheia de bolsos, bonecos, mala,

fantoches, etc. Esses recursos podem ser usados tanto como a intenção de ser um convite aos ouvintes para ingressarem na narrativa, como também podem servir para provocar a experiência do ouvinte, fazer com que este possa deter-se no objeto e vê-lo por meio de outro olhar, dando-lhe um significado novo ao percebê-lo na sua particularidade expressiva (*idem, ibidem*).

Além dos recursos abordados acima, também podemos fazer uso dos recursos sonoros como, por exemplo, a música, o canto de cantigas populares, a recitação de poesias, as onomatopéias, etc. Esses outros recursos dão movimento à história, tornam-na dinâmica e rítmica. Mas o exagero de todos esses recursos apresentados pode atrapalhar a contação. O excesso de estímulos sensoriais pode tirar o foco da narrativa e a história pode acabar se perdendo. Por isso, é importante que tais recursos sejam expressivos, significativos e surpreendentes para que sua contribuição seja pertinente e adequada (*idem*).

8) Com que frequência conta histórias?

Contadora: *Trabalho em 3 escolas de Educação Infantil 3 vezes por semana com crianças de 5 meses a 6 anos. Comecei a trabalhar com Educação Infantil após o nascimento da minha filha, quando eu descobri o prazer de contar histórias para essa faixa etária. Foi uma redescoberta na minha maneira de contar e descoberta de outra linguagem que para mim era nova.*

Regularmente sou convidada pela rede SESC para contar histórias em escolas da rede pública em projetos e eventos para crianças na faixa etária de 6 a 10. Também gosto de trabalhar com educadores em oficinas de sensibilização e mediação de leitura.

Professora: *Conto histórias para meus alunos diariamente.*

A constância da prática de contar história favorece o estabelecimento de um vínculo entre a mesma e o ouvinte. Ao adquirir o hábito de ouvi-las, o ouvinte passa a sentir tal prática como uma ação familiar e a naturaliza no seu cotidiano. Esse processo de familiarização e naturalização traduz o estabelecimento do vínculo. Este, por sua vez, pode ser um facilitador do trabalho com a contação, pois através dele os ouvintes podem se relacionar de maneira mais próxima e receptiva.

9) Quais são os espaços onde realiza e realizou contações de histórias?

Contadora: Já contei histórias em Seminários de Leitura do Proler em diferentes estados do Brasil. Dentro de auditórios, teatros, universidades, dependendo do parceiro da Biblioteca Nacional em cada local. Também em oficinas com professores ou profissionais interessados através da rede SESC Rio, ONGs e escolas particulares.

Professora: Alterno os espaços de contação, faço uso de variados espaços dentro da escola: sala de aula, sala multimeios, biblioteca e eventualmente espaços abertos.

Essa questão nos faz retomar os espaços de realização do ato de contar histórias. As respostas dadas pelas entrevistadas reafirmam a variedade dos mesmos. Essa constatação nos leva a crer que a enorme possibilidade de locais para a contação de histórias amplia a probabilidade de a mesma atingir um número maior e mais diversificado de pessoas.

10) Como é a participação dos ouvintes durante a contação?

Contadora: Não sou uma manipuladora de bonecos, mas posso até usá-los ou mesmo alguns objetos como referência ao que quero contar. Minha maneira de contar histórias é muito intimista; é estar em roda, olhando no olho das crianças, falando de uma maneira próxima, um pouco como se contam histórias em quintais da infância.

Gosto que as crianças possam interferir ou comentar o que vão ouvindo, por isso gosto tanto de atuar em escolas onde eu possa receber turmas com regularidade; gosto de criar vínculos com meus ouvintes. Sempre que possível, ilustro essas contações com casos de minha própria infância, mostrando fotos e ou objetos de quando eu era menina. A minha própria história de vida serve de ponto de partida para contar outras histórias; meus parentes passam a ser também personagens dos casos que conto mesclados com textos autorais ou populares.

Professora: *Na maioria das vezes permanecem atentos, querendo fazer comentários, se o assunto os remete às suas vivências pessoais. Algumas vezes permito que alguns dramatizem partes das histórias narradas.*

Por meio desta questão, podemos perceber que os ouvintes de uma história não são sujeitos passivos. Pelo contrário, eles participam ativamente desse momento. É importante que essa participação não seja entendida como uma interferência. Esperar que a história seja ouvida do início ao fim sem nenhum ruído ou imprevisto é uma ilusão, e encarar esses acontecimentos não previstos como algo negativo que atrapalha o curso da história é um erro.

O mais adequado é que o contador tire proveito do acaso e das manifestações espontâneas dos ouvintes fazendo uso da criatividade e do improviso para enriquecer a narrativa. Pois “estar presente no instante da narração é dialogar com o que surgir, sem ter sido previsto, revertendo os acontecimentos a favor da história”. (*idem, ibidem*, p. 81).

11) Considera que a pedagogia possa contribuir para a prática da contação? Como?

Contadora: *No meu caso, ser educadora me permite ter um olhar voltado para a formação da criança e não só do leitor. Também me dá jogo de cintura para sentir a “temperatura” do grupo, perceber o perfil da turma e saber como colocar a linguagem a serviço de que o grupo fique mais receptivo a ouvir...*

Professora: *Sim, especialmente se esse processo se inicia fazendo com que o aluno do curso valorize e entenda a importância do trabalho com a literatura na formação da criança. Desta maneira, o futuro pedagogo tem mais chance de contar histórias não só com maior prazer, mas também planejando esse ato de maneira a não estar apenas preenchendo um espaço no planejamento. É importante estar objetivando realmente contribuir para a formação de um leitor, desenvolvendo outras habilidades, como consequência.*

Essas últimas perguntas e respostas são exemplos contundentes da relação existente entre contação de história e pedagogia. São depoimentos pessoais de quem vive essa interlocução. Portanto, é inegável a influência que uma estabelece sobre a outra. Influência esta que pode ser usada positivamente em benefício da educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, chegamos ao término dessa monografia com a certeza de que pedagogia e contação de histórias podem e devem ser práticas complementares a serviço do prazer e da educação. Uma vez que essa parceria pode gerar ganhos para todos os envolvidos nessa promissora relação.

Pudemos chegar a essa observação através da oportunidade que tivemos em transitar por uma série de aspectos da contação, ao olharmos um pouco mais de perto seus autores e atores (contador/professor e ouvinte/aluno), reconhecendo seus espaços e observando a proveitosa relação entre a prática de contar histórias e a pedagogia.

Proveitosa porque ambas as partes são favorecidas por essa parceria. Afinal, um contador que queira ampliar sua visão de mundo e explorar mais a faceta educacional da contação, certamente, pode beber na fonte da pedagogia para enriquecer seu trabalho, tanto no seu envolvimento com a história em si quanto no diálogo com seus ouvintes.

O contrário também vale para os professores, estes podem beber da fonte criativa e lúdica da contação para melhorar seu trabalho de educador. Como já foi destacado ao longo do texto, são inúmeros os benefícios que o ato de contar histórias pode trazer para o educando. Essa prática pode contribuir sobremaneira para o processo de ensino e aprendizagem, especialmente, por propiciar experiências únicas para quem a vivencia.

Tais experiências podem ser entendidas à luz da perspectiva de Foucault (*apud* KOHAN, 2008) quando ele nos fala que a leitura e a escrita não devem funcionar como verdades, mas sim como experiências. Esta última como transformadora de si através da

transformação da relação com a verdade. “Se a verdade consolida os lugares já habitados, a experiência é uma espécie de viagem que permite sair do lugar que se habita. Quando ela é intensa e ousada, a transformação sequer conhece o ponto de chegada” (KOHAN, 2008, p. 17).

Esses conceitos podem se estender para a educação. Dessa forma, temos a opção de instituir o ensino da verdade, aquele ensino bancário e conteudista (FREIRE, 1987), ou podemos promover o ensino da experiência, no qual o educando é um agente transformador da realidade. Assim, sendo o último de nossa escolha, a contação de histórias está a seu favor, a nosso favor!

Portanto, podemos afirmar que tanto a contação como a pedagogia podem tirar bons proveitos da relação estabelecida entre elas. E nesse processo de intercâmbio entre as duas, um final feliz para todos os envolvidos tem grandes chances de acontecer. Contanto que haja um cuidado com a preservação do caráter estético da narrativa e a garantia de uma contação lúdica e prazerosa para os ouvintes.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. N. B. **A Narrativa Oral Literária na Educação Infantil: quem conta um ponto aumenta um ponto.** 2009. 202 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.

BENJAMIN, W. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia, técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, A; SIGNORINI, I. (coord). **O Ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos.** 2.ed.rev. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. & MATENCIO, M. L. M. **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber.** Campinas: Mercado de Letras, 2005.

KOHAN, W. A escola, a disciplinarização dos corpos e as práticas pedagógicas. In: BRASIL, MEC, Secretaria de Educação a Distância. **Um salto para o futuro. O corpo na escola.** Ano XVIII, Boletim 04, Abril de 2008.

MACHADO, R. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

PATRINI, M. L. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral.** São Paulo: Cortez, 2005.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: **A Escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Por uma abordagem ontológica dos modos de socialização da reestruturação produtiva.** Disponível em: <http://www.fabiofernandesvillela.pro.br/sistema/aplicativo/downloads/arquivo_004.pdf> Acesso em 26/11/11.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: CRISTIANE APOLINÁRIO PENETHA
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: CONTACÃO DE HISTÓRIAS :
O ERA UMA VEZ A FAVOR DA EDUCAÇÃO
ORIENTADOR(A): ALBERTO ROIPHE BRUNO

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: MARCELA AFRONSO FERNANDES

Nota: 9,5

Considerações:

A monografia de Cristiane Apolinário Penetha apresenta-se bem elaborada no que tange ao conteúdo e a forma propostas. Sua produção escrita articula bem o enfoque teórico e prático sobre o ato de contar histórias, respaldando-se em uma pesquisa fenomenológica e de caráter qualitativo, o que contribuiu para uma melhor abordagem do tema em questão.

DATA: 20-12-2011

Assinatura: Marcela Afronso Fernandes

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador:

Alberto Raípha Buser

Nota: 9,5

Considerações:

A aluna se dedicou à pesquisa, indo à campo e registrando um trabalho por meio de entrevistas com uma professora e uma contadora de história. Desenvolveu também uma boa levanta mento técnica

Data: 20/12/11

Assinatura:



RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
9,5	9,5	9,5

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2011.



Prof. Orientador